



QUEM SERÁ O FONOAUDIÓLOGO DE AMANHÃ?

*Ruth Palladino **

Hoje, nesta festiva comemoração dos 500 anos do descobrimento e ocupação de nossa terra, comemoração que é uma festa *do tempo, do nosso tempo*, que evidentemente é muito maior que o formado pelos anos publicamente cantados, fui chamada a refletir sobre a questão desta irrepresável sucessão das horas, dos dias, dos anos, refletir sobre o tempo e suas implicações na perspectiva da Fonoaudiologia. E devo fazê-lo de um certo modo, qual seja, devo refletir sobre o *tempo passado* na área, exatamente na possibilidade de seu *futuro*. Devo imaginar o fonoaudiólogo que seremos, a Fonoaudiologia que teremos.

Porém, imaginar o futuro é experiência que convoca um tempo já flexionado, o passado e o presente, tempos preliminares que nos fazem recordar e nos fazem criar porque recolocam inequivocamente um desejo que se mostra eterno, porque é o desejo que nos alimenta, o desejo do bem-estar, da beleza e da felicidade. O futuro não é, portanto, outra coisa senão este desejo que se apresenta

* Fonoaudióloga, mestre em Distúrbios da Comunicação, doutoranda em Psicologia Clínica e professora associada da Faculdade de Fonoaudiologia e do PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP.

Ruth Palladino

a cada tempo e o inaugura: é o começo de tudo, inaugurou o que se passou, inaugurou o que está se passando, inaugurará o que se passará. Este desejo é de todos e para todos porque está engendrado numa existência tal do homem que o exclui da solidão, da unicidade, coloca-o numa existência em que sempre está junto a um outro. Desejante e convergindo ao outro, eis a força de Eros constituindo humanidade.

Bem-estar, beleza e felicidade, sim, desde que com o outro. Imaginar a Fonoaudiologia do futuro impõe o dever de sonhar com tecnologia sofisticada e globalização, fantasias que modernamente embalam o desejo que é o de sempre. Mas esses são sonhos difíceis de serem sonhados.

A globalização instaura uma situação insólita de humanidade, porque ela não responde especificamente àquela máxima condição de existência do homem, a de sempre estar inscrito junto a um outro. A globalização instaura uma multidão que se desconhece, que é invisível. E o que insemina esta gente indiscriminada é uma certa tecnologia. O homem da televisão, todos o veem, mas ele, ao contrário, em apenas uns poucos pode deitar os olhos. A moça, operadora telefônica, cujo rosto ninguém vê, mas sua voz é reconhecida por milhares. Os personagens da Internet, com quem todos “conversam e convivem” diariamente, não são bem “pessoas”, são mesmo personagens que operam relações de todos os tipos: ali não há mesmo quem conhecer, quem olhar, só há relações de solução de necessidades que vão do lazer à sobrevivência. Alguns personagens da Internet até estão ali para conhecerem outros, para conversarem com outros, para namorarem. Na tela, olham-se, presenteiam-se com sorrisos, trocam palavras afetuosas, mas é pena, porque fora dela poderiam perceber o arfar de uma surpresa, o tremor de um perigo, o fôlego descompassado do imprevisível, poderiam se deparar com aquilo que faz os homens porque os discrimina: os sentidos. Não aqueles das sensações, mas, sim, aqueles que os conformam, a cada um de um jeito, a cada um em um tempo. Sentidos que são particulares e provisórios. A globalização vem abalar o estado de humanidade que está engendrado numa implicatura: um homem com e para outro homem. Implicatura que singulariza as existências e escreve uma história diferente a cada vez que se dá. Mas é esta tecnologia que cancela o espaço e o tempo, que pode vir a transtornar este estado de humanidade.

A tecnologia tem a função de realizar o desejo maior do homem: bem-estar, beleza e felicidade. Uma existência sem perigo e sofrimento, aquilo que, paradoxalmente, lhe imprime humanidade. O perigo e a dor o lançam no universo da cultura, são prenúncios da criação, das ações humanas que sempre se remetem exatamente à sua origem: porque há perigo e dor, há criação, e há criação para não mais haver perigo e dor. E é por isto que as criações nunca são absolutas, suas origens devem estar preservadas. É essa a grandiosidade do homem, a necessidade de ser criativo, e sua criação deve vir suprir tal necessidade sem, contudo, cancelá-la. É neste fio da navalha que ele existe, nesta evanescência. E nela, cria, inventa tecnologia.

As técnicas são cada vez mais arrojadas porque representam modos cada vez mais econômicos e rápidos de alcançar bem-estar, beleza e felicidade para todos. A rapidez e a economia antecipam radicalmente os acontecimentos, a técnica pretende agora cancelar a possibilidade do perigo e da dor, pretende “preveni-los”. Pretende o éden, por assim dizer. Mas o estado edênico, este já o perdemos há muito, e felizmente isso aconteceu porque nesta perda encontramos a chance da humanização. Somos homens porque tentamos, incessantemente, reencontrar o éden. Ele é o impossível necessário, força motriz de toda tecnologia que inventamos para sobreviver e viver. É assim que somos homens: para viver o futuro, cobiçamos o passado. Esta cobiça é a alma da tecnologia. Porém, esta tecnologia moderna, que anula o espaço e o tempo, obstaculiza a humanidade, na medida em que pretende cancelar a fonte das criações, assim como pretende colocar as relações humanas como fenômenos virtuais, dispensando a obrigatoriedade de uma relação empiricamente social, con(texto) exigido para construção de textos particulares, textos que só o são tecidos com(textos) alheios.

As técnicas preventivas, por excelência, são destinadas a uma multidão que se desconhece. São técnicas complexas e refinadas que pretendem dar um tiro certeiro na mais ínfima possibilidade de catástrofe e são completamente acessíveis a qualquer um, a qualquer tempo, em qualquer lugar. Estas técnicas globalizadas são resultantes de um tratamento homogeneizador aplicado aos homens: possível a todos porque todos estão reunidos na maior similitude. Mas quando o impossível fura a possibilidade estabilizada, a prevenção resta insuficiente, a dor e o

Ruth Palladino

perigo, que se escondiam numa fantasiosa invisibilidade, mostram sua cara. E não há nada como a linguagem para furar a possibilidade estabilizada. E o faz por sua própria natureza polissêmica, ou seja, o sentido pode ser qualquer. Mas o futuro nos reserva uma solução para estes casos em que há furos, e a solução é a relação terapêutica. Mas este trabalho terapêutico se dará sob outras condições, trazidas pela tecnologia construída, acontecerá fora das relações intersubjetivas, entre pessoas que se desconhecem. O “terapeuta” que ali está pode ser de quem o quiser, a qualquer tempo, esteja onde estiver. Há ali alguém que se oferece terapeuta. E há também, só que do outro lado, alguém que se oferece paciente porque naquela figura encontrou uma marca qualquer de conveniência. A relação se pautará não por um acordo comum, mas tão-somente pelo encontro desta marca pelo candidato a paciente. Qualquer acordo comum está impossibilitado, até porque o terapeuta não conhecerá nenhum de seus pacientes, e todos eles, ao contrário, o conhecerão: eis a assimetria que faz o impossível.

Porém, como o terapeuta a todos desconhece, está impedido de perceber e acatar as diferenças que furam a regra, que exigem uma releitura da situação. Não pode criar uma especificidade a partir de sua posição que se constitui exatamente na relação com uma outra posição, a do paciente. O terapeuta está aqui substituído pela idéia de “palavras fonoaudiológicas” e, assim, o valor da abordagem se descolará do valor das posições ocupadas na relação intersubjetiva e fará aderência aos objetivos definidos à revelia daqueles que acionarem o disquete a cada vez. Se, de fato, cada vez mais pessoas podem ser contempladas em seu desejo maior de bem-estar, beleza e felicidade, porque os modos de alcançá-lo são rápidos e sobretudo econômicos, de forma equivalente mais e mais às particularidades que qualificam a cada um serão canceladas, sob o risco de alterar a tecnologia. A virtualidade cria uma outra possibilidade de existência cujo preço pode ser, paradoxalmente, a própria humanidade. É o paradoxo que cria a armadilha: tentando com cada vez mais capacidade reencontrar o éden, o homem se afasta de si e, aí, não valerá a pena encontrá-lo. Não que ele não deva se encantar pela tecnologia que vai lhe proporcionar uma vida cada vez melhor, descansada. Mas a linguagem é algo que teimosamente escapa desta possibilidade, e neste ponto a Fonoaudiologia deve saber que sonhará sonhos variados quando imaginar

seu futuro. E para este sonho em especial, ela deve mesmo cobiçar o passado para projetar o devir, criar tecnologia, renovando o compromisso com a idéia de relação terapêutica. Uma idéia que maximiza as condições de humanidade, já que aí se buscam bem-estar, beleza e felicidade a cada vez que o perigo e o sofrimento se prenunciam. Enfrentar o perigo e a dor de cada um e descobrir o bem-estar, a beleza e a felicidade de cada um.

E se há algo que qualifica no limite a humanidade é que o homem se constitui na diferença, filo e ontogeneticamente. O Projeto Genoma, aquele projeto dos cientistas que estão na busca dos segredos da vida, que andam atrás do éden, a cada novo avanço, encontra referendado o fato de que em apenas 99,99% os seres humanos são idênticos. A ínfima parte que sobra é a diferença que faz toda a diferença. E, porque assim se constitui, pode fundar e desenvolver uma tecnologia única, extensa e sofisticada, destinada a toda esta diferença. A cultura está toda lastreada por esta condição, e exatamente por isso é uma cultura sem igual que, entretanto, fica sempre ameaçada por sua origem, fica ameaçada pela tecnologia que busca, desenfreada, o éden. Assim, a Fonoaudiologia terá sonhos diferentes, e isso é pertinente: vamos fazer a prevenção, vamos tratar a multidão, mas não deixaremos sucumbir diante do desejo da perfeição, porque a linguagem nos mostra o furo na certeza, ela traz a dúvida, e é isso que cria o nosso ideal de perfeição: em nosso campo, o futuro se fará a cada um dos perigos e sofrimentos de um modo especial, distinto. Ainda que a cultura de nosso campo nos empurre para criações outras, para a prevenção e para as massas, devemos reconhecer a diferença que as diferenças que constituem a área impoem, e sonhar, então, com futuros diferentes. Senão, poderemos cair na tentação de operar uma devassada homogeneização para aproveitar esta tecnologia moderna, sedutora porque prevê o desejo maior: bem-estar, beleza e felicidade para todos. Uma tentação e um risco, o de perder de vista a quem este desejo se anuncia, porque pode haver outros desejos e outros, outros. Isto não é novidade. Há 500 anos, Pero Vaz de Caminha, na carta que escreve ao rei de Portugal quando chega ao Brasil, sonha com um futuro para os índios que aqui encontrou:

E, segundo, que a mim e a todos pareceu, essa gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer,

Ruth Palladino

como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem creio que, se vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tomados ao desejo de Vossa Alteza.

E, assim, o desejo de Vossa Alteza foi o mote para a técnica escolhida.